

**A REMEDIAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DE
GRACE MARKS NO ROMANCE ALIAS GRACE, DE
MARGARET ATWOOD**



Série televisiva de Sarah Polley da adaptação do romance de Margaret Atwood.

TERESA PEREIRA
UNIVERSIDADE NOVA (CETAPS)

1. Introdução

Em 1843, Thomas Kinneer, empregador de Grace Marks e de James McDermott, e Nancy Montgomery, empregada e amante de Kinneer, foram encontrados assassinados em *Upper Canada*. Os imigrantes irlandeses Marks, com dezasseis anos, e McDermott, com vinte anos, retiraram-se prontamente da propriedade de Kinneer com um repositório das posses de Kinneer e de Montgomery. O aprisionamento dos fugitivos aconteceu passado pouco tempo, em Lewiston, Nova Iorque. McDermott, acusado de assassinato, e Marks, acusada de cumplicidade, foram condenados à morte no caso de Kinneer, pelo que se considerou redundante continuar com o caso de Montgomery.

¹ NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA - Teresa Pereira concluiu a Licenciatura (2012) e o Mestrado (2014) em Línguas, Literaturas e Culturas, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Defendeu a dissertação denominada *Impérios Digitais: Dos Estudos Anglo-Portugueses aos Jogos de Vídeo de Estratégia* no final do Mestrado (2014). Actualmente está a redigir escrever a tese de doutoramento em Línguas, Literaturas e Culturas, intitulada *O Mundo Transmediático Neovitoriano: As Guerras Anglo-Zulu e Anglo-Bóere através da Literatura e dos Jogos Digitais*, financiada pela Fundação para Ciência e Tecnologia. Frequentou igualmente as Universidades: Católica Portuguesa, de Utrecht, de Singidunum e, recentemente, a Universidade de Cambridge. Na Universidade Nova, integra o Centro de Investigação CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) como colaboradora, participando na área "Anglophone Cultures and History". É membro dos JRRAS (Junior Researchers in Anglo-American Studies). De entre os seus interesses destacam-se os Estudos Anglo-Portugueses, os Estudos Literários e Culturais Ingleses, o Neovictorianismo, os Mundos Transmediáticos e os *Game Studies*. Interessa-se particularmente pela interação da literatura com os jogos digitais.

McDermott foi enforcado e Marks foi condenada a prisão perpétua, provavelmente devido à sua idade. Marks passou vinte e nove anos na prisão, incluindo um interregno num asilo em 1854 que se alargou por quinze meses. A suposta assassina foi perdoada em 1872.

A presente comunicação procura provar que Margaret Atwood "remedeia" a memória cultural de Marks em *Alias Grace*, produzindo, preservando e renovando um lugar da memória.² Marks capturou Atwood desde cedo. A autora publicou o volume de poesia *The Journals of Susanna Moodie* em 1970. O volume foca Susanna Moodie, uma pioneira inglesa que se estabeleceu no Canadá e escreveu *Roughing It In the Bush* (1852), crónica da vida de Moodie a combater animais, doenças, desgostos e morte no Canadá, e *Life in the Clearings Versus the Bush* (1853), sobre a vida de Moodie na cidade de Toronto. Atwood começou depois a debruçar-se sobre o episódio em *Life in the Clearings* em que Moodie entra na prisão e no asilo de Toronto e estabelece contacto com Marks, descrevendo-a como claramente culpada dos crimes. Este encontro enfeitiçou Atwood durante décadas, levando-a a escrever o guião do episódio televisivo *The Servant Girl* em 1974 e a peça de teatro *Grace* em 1979. Enquanto o episódio se centra na confissão de McDermott contida em *Life in the Clearings* (pelo que Marks constitui uma sedutora que leva McDermott a matar Montgomery e Kinnear) e constrói uma cronologia dos eventos, a peça começa a afastar-se da descrição de Marks feita por Moodie. Na década de 1990, Atwood escreveu *Alias Grace*, divulgado em 1996 e completamente distanciado de Moodie. Como os textos tratados comprovam, Marks capturou claramente Atwood, o que pode possivelmente dever-se a Marks ser "an alias",³ produzido "out of gossip,

² Apresentado por Pierre Nora, em 1977, num seminário dado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, o termo *lieux de mémoire* descreve lugares concretos, como cemitérios e museus, e abstractos, como os conceitos de geração e linhagem, em que a memória se cristaliza ou se derrama. Os lugares da memória podem ser portáteis, topográficos ou monumentais, públicos ou privados, entre outros aspectos. O propósito de um lugar da memória consiste em parar o tempo, bloquear o esquecimento, apurar a situação actual, imortalizar a morte e materializar o imaterial, de modo a capturar a maior quantidade de significado na menor quantidade de signos. (Nora, 1989, p. 19) Os lugares da memória reportam-se a tudo aquilo que administra a presença do passado no presente e sobrevivem através da sua capacidade de se metamorfosearem, numa reciclagem infundável do seu significado e numa proliferação imprevisível das suas ramificações. (Nora, 1989, pp. 19-20)

³ Margaret Atwood, *Alias Grace* (London: Virago Press, 2009), p. 23.

speculation, official newspaper reports, witness testimony, the expertise of the medical community, the legal system and public opinion".⁴

Apesar de diversas análises se debruçarem sobre *Alias Grace*, nenhuma se reporta à remediação da memória cultural, pelo que a comunicação que aqui se apresenta contribui para aumentar a compreensão do romance. Ainda assim, convirá aludir ao capítulo "Neo-Victorianism South of Nowhere: Margaret Atwood's *Alias Grace*" (2012), de Elizabeth Ho.⁵

Ho explicou que *Alias Grace* foi escrito em 1996, pouco depois de um referendo potencialmente devastador para o Canadá, pois suscitou perguntas ligadas à capacidade da política oficial canadiana de multiculturalismo congregar as *First Nations*, os grupos étnicos e as partes francesa e inglesa. Ho lembrou Himani Bannerji, que referiu que um Canadá realmente multicultural pode mostrar-se impraticável "when all the power relations and the signifiers of Anglo-French white

⁴ Elizabeth Ho, "Neo-Victorianism South of Nowhere: Margaret Atwood's *Alias Grace*", *Neo-Victorianism and the Memory of Empire* (London, New Delhi, New York e Sydney: Bloomsbury, 2012), p. 89.

⁵ Como se verifica no título, Ho analisou *Alias Grace* de uma perspectiva que se posiciona no âmbito do projecto neo-victoriano. Marie-Luise Kohlke, em "Introduction: Speculations in and on the Neo-Victorian Encounter" (2008), tornou conhecido o conceito de projecto neo-victoriano. (5) Posteriormente, Nadine Boehm-Schnitker e Susanne Gruss, em "Introduction: Fashioning the Neo-Victorian – Neo-Victorian Fashions" (2014), conceberam o projecto neo-victoriano como um empreendimento cultural e académico em curso que analisa as inúmeras sobreposições e intersecções, as continuidades e as rupturas estabelecidas entre o passado victoriano e o presente. Concomitantemente, um denominador comum para os textos que descrevem a cultura victoriana e um campo académico que explora os usos historicamente específicos dados à Era Victoriana, o projecto neo-victoriano debruça-se sobre os desejos e os contextos que tingem e moldam as perspectivas através das quais o passado é recordado no presente. Acresce que o referido projecto explora os propósitos mutáveis através dos quais o passado é moldado no presente e, por conseguinte, o presente se molda a si mesmo. Boehm-Schnitker e Gruss afirmaram que "(t)he process of fashioning the neo-Victorian crucially entails a self-fashioning, which implies that the phenomenon of neo-Victorianism can be understood in the context of concerns regarding the twentieth- and twenty-first-century identity politics". Para as autoras, o passado victoriano e o presente estabelecem uma relação contígua, devido à proximidade histórica e à presença de efeitos secundários mediáticos, tecnológicos, políticos e culturais da Era Victoriana na era contemporânea. Como consequência da relação contígua instituída entre o passado victoriano e o presente, o projecto neo-victoriano demonstra ser claramente adequado para negociar "who we are today". Boehm-Schnitker e Gruss concluíram que o projecto neo-victoriano "would hence be defined by its particular way of revisiting the nineteenth-century past in order to (co-)articulate today's concerns".

supremacy are barely concealed behind a straining liberal democratic façade".⁶ Bannerji argumentou que o homem branco se apresenta como "just another cultural self floating non-relationally in a socio-historical vacuum"⁷ e não admite que se demonstra um ponto de partida através do qual a pluralidade se define. Em categorias como "visible minorities" e multiculturalismo, Bannerji encontrou "a thinly veiled, older colonial discourse of civilization and savagery" e "implied in these cultural constructions is a literal denigration, extending into a valorized expression of European racist-patriarchy coded as white".⁸ Bannerji referiu-se depois a Richard Dyer. Dyer indicou que a invisibilidade do homem branco revela ser uma posição racial. O poder do homem branco reproduz-se porque se manifesta e se mantém como normal. Tal poder apenas aparece como visível e se abre a análise quando particularizado ou "made strange".⁹ Partindo dos pensamentos de Bannerji, Ho constatou que *Alias Grace* contesta conscientemente a invisibilidade do homem branco no multiculturalismo canadiano, como tal "making whiteness 'strange'".¹⁰

O começo da narrativa canadiana ilustra a contestação notada, dado que Marks identifica imensas *whitenesses* diferentes ao descrever Toronto como uma cidade povoada por pessoas de proveniências distintas. O seguinte passo salienta o momento sublinhado: "(t)he people appeared to be very mixed as to the kinds of them, with many Scots and some Irish, and of course the English, and many Americans, and a few French (...), and some Germans, with skins of all hues".¹¹ A decorrente demonização da descendência irlandesa de Marks e de McDermott demonstra igualmente ser uma forma de negar a invisibilidade do homem branco. Deve ponderar-se sobre as palavras proferidas por Marks: "I thought it very unjust when they wrote down that *both of the accused were from Ireland by their own admission*. That made it sound like a crime, and I don't know that being from Ireland

⁶ Himani Bannerji, *The Dark Side of the Nation: Essays on Multiculturalism, Nationalism and Gender* (Toronto e Ontario: Canadian Scholars' Press Inc, 2000), p. 106.

⁷ Bannerji, *The Dark Side of the Nation: Essays on Multiculturalism, Nationalism and Gender*, p. 107.

⁸ *Ibidem*.

⁹ Richard Dyer, *White: Essays on Race and Culture*, (London e New York: Routledge, 1997), p. 10.

¹⁰ Ho, "Neo-Victorianism South of Nowhere: Margaret Atwood's *Alias Grace*", p. 82.

¹¹ Atwood, *Alias Grace*, p. 143.

is a crime; although I have often seen it treated as such".¹² Assim, o romance acaba por "racializar" os homens brancos.

Procurando reportar-se à remediação da memória cultural de Marks, a presente comunicação compõe-se de quatro partes consideradas centrais. Finalizada a introdução, que trata da primeira parte do texto, considerar-se-ão os conceitos de memória cultural e de remediação com a colaboração dos trabalhos de Astrid Erll e Ann Rigney. Pensar-se-á posteriormente a respeito da remediação da memória cultural de Marks no romance produzido por Atwood. Finalmente, apresentar-se-ão algumas reflexões relativas à relevância da remediação analisada.

2. Memória Cultural e Remediação

Em "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics" (2009), Erll e Rigney debruçaram-se sobre as dinâmicas da memória cultural,¹³ descrita como "the interplay of present and past in socio-cultural contexts".¹⁴ Se as discussões iniciais em torno da memória cultural salientavam lugares da memória que constituíam pontos de referência relativamente estáveis para indivíduos e colectividades, as discussões recentes em torno da memória cultural salientam que aquela se reporta a um processo contínuo de recordar e de esquecer através do qual os indivíduos e os grupos reconfiguram a sua relação com o passado e se reposicionam face a lugares da memória existentes ou emergentes. Recordar refere-se a um relacionamento activo com o passado, performativo ao invés de reprodutivo. Erll e Rigney relembrou que recordar "is as much a matter of acting out a relationship to the past from a particular point in the present as it is a matter of preserving and retrieving earlier stories".¹⁵ Portanto, os lugares da memória possuem uma história e permanecem operativos somente se as pessoas reinvestirem neles e os reutilizarem

¹² *Ibidem*, p. 118.

¹³ Em *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook* (2008), Erll definiu memória cultural como a interação do presente e do passado em contextos socioculturais.

¹⁴ Astrid Erll, "Cultural Memory Studies: An Introduction", *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*, editado por Astrid Erll e Ansgar Nünning (Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2008a), p. 2.

¹⁵ Ann Rigney e Astrid Erll, "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics", em *Mediation, Remediation, and the Dynamics of Cultural Memory*, editado por Ann Rigney e Astrid Erll (Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2009), p. 2.

como pontos de referência. Erll e Rigney referiram que "(i)f stories about the past are no longer performed in talking, reading, viewing, or commemorative rituals, they ultimately die out in cultural terms, becoming obsolete or 'inert'".¹⁶

Debruçando-se sobre as dinâmicas da memória cultural, Erll e Rigney defenderam que aquelas apenas se podem compreender acaso se considere "the 'medial' frameworks of remembering"¹⁷ e os processos mediáticos através dos quais as memórias penetram a arena pública. Procurando esclarecer o ponto expressado, Erll e Rigney explicaram que *media* como romances e filmes demonstram-se aptos a despoletar debates públicos sobre assuntos até então esquecidos. Para Erll e Rigney, os *media* convertem-se em "agenda-setters for collective remembrance",¹⁸ pois a iteração do mesmo evento ou da mesma figura em múltiplas plataformas mediáticas permite que tal evento ou que tal figura ganhem raízes na arena pública. Os *media* desempenham um papel decisivo na compreensão do passado, na mediação estabelecida entre o público (que se posiciona no papel de leitor, espectador, ouvinte, entre outros) e o passado e, por conseguinte, "in setting the agenda for future acts of remembrance".¹⁹

Recorde-se, a propósito, de remediação. O conceito de remediação foi cunhado e desenvolvido por Jay David Bolter e por Richard Grusin em *Remediation: Understanding New Media* (1999), obra na qual os autores defenderam que os *media* dialogam permanentemente entre si. Bolter e Grusin definiram *medium* como "that which remediates. It is that which appropriates the techniques, forms, and social significance of other media".²⁰ Assim, os *media* apropriam-se das técnicas, formas e significância social de outros *media*. Os autores acrescentaram que "(m)edia are continually commenting on, reproducing, and replaying each other, and this process is integral to media. Media need each other in order to function as media at all".²¹ Os *media* remediam constantemente outros *media*, o que significa

¹⁶ Rigney and Erll, "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics", p. 2.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*, 3.

²⁰ Jay David Bolter e Richard Grusin, *Remediation: Understanding New Media*, (Cambridge: MIT Press, 1999), p. 65.

²¹ Bolter e Grusin, *Remediation: Understanding New Media*, p. 55.

que velhos *media* recorrem a novos *media* e os novos *media* recorrem a velhos *media*.

O processo de remediação opera de acordo com dois modos de mediação distintos e contraditórios, denominados imediação e hipermediação. Em primeiro lugar, a imediação relaciona-se com a tentativa de eliminar quaisquer vestígios de mediação. Como afirmaram Bolter e Grusin, a imediação identifica-se com "the style of visual representation whose goal is to make the viewer forget the presence of the medium (...) and believe that he is in the presence of the objects of representation".²² A hipermediação refere-se à multiplicação e saliência dos vestígios de mediação. Como declararam Bolter e Grusin, a hipermediação constitui um estilo de "visual representation whose goal is to remind the viewer of the medium".²³ Ainda que distintos e contraditórios, os dois modos de mediação indicados constituem a dupla lógica da remediação. A mediação tanto é eliminada como multiplicada e salientada. A imediação e a hipermediação coincidem com "the twin preoccupations of contemporary media: the transparent presentation of the real and the enjoyment of the opacity of media themselves".²⁴

Referindo a pertinência da remediação para a memória cultural, Erll e Rigney concluíram que "(j)ust as there is no cultural memory prior to mediation there is no mediation without remediation: all representations of the past draw on available media technologies, on existent media products, on patterns of representation and medial aesthetics".²⁵ Diferentes *media*, como artigos de jornais e revistas, fotografias, diários, obras historiográficas, romances, filmes, entre outros, remediam os mesmos eventos ou as mesmas figuras ao longo de décadas e séculos. O conhecimento desses eventos e dessas figuras deriva, como tal, dos *media* que os (re)mediam. Os eventos e as figuras recordados revelam-se fenómenos transmediáticos, por não se encontrarem restringidos a um *medium* específico.²⁶ Erll e Rigney acrescentaram que a dupla lógica da remediação se encontra subjacente às

²² *Ibidem*, pp. 272-273.

²³ *Ibidem*, p. 272.

²⁴ *Ibidem*, p. 21.

²⁵ Rigney e Erll, "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics", p. 4.

²⁶ Astrid Erll, "Literature, Film, and the Mediality of Cultural Memory", *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*, editado por Astrid Erll e Ansgar Nünning (Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2008), p. 392.

dinâmicas da memória cultural. Em primeiro lugar, os *media* procuram atingir a imediação e constituir uma janela transparente para o passado, devido ao desejo de que a audiência se sinta na presença de uma memória não (re)mediada. Em segundo lugar, tal sensação é frequentemente proporcionada através da hipermediação, dada a sobreposição de fotografias, vídeos e testemunhos, entre outros.²⁷

As dinâmicas da memória cultural relacionam-se profundamente com o processo de remediação. Para Erll e Rigney, a emergência e a longevidade dos lugares da memória procedem das repetidas remediações do passado. Estas remediações convergem em e congregam lugares da memória, criando-os, estabilizando-os e consolidando-os, assim como criticando-os e renovando-os. A memória cultural retira aquilo que Erll e Rigney denominam de "memory-matter" de um *medium* e reutiliza-o noutro. No processo, os *media* pedem como empréstimo, agregam, absorvem, criticam e moldam outros *media*. Erll e Rigney postularam, ainda, que a arena pública se prova responsável por transformar algumas remediações em versões mediáticas do passado relevantes, marginalizando e omitindo outras.²⁸

3. A Remediação da Memória Cultural de Grace Marks

A remediação da memória cultural de Marks em *Alias Grace* resulta da remediação de múltiplas fontes, como artigos de jornais e revistas, testemunhos, confissões, documentos legais, diários, ilustrações, entre outros. De entre estes exemplos, escolheu-se a autobiografia *Life in the Clearings*.

Moodie, autora da autobiografia acima apontada, começou por dedicar um capítulo a Marks, descrevendo-a como "a person rather above her humble station".²⁹ Atwood remediou a passagem referida no seguinte passo, onde salientou simultaneamente a desmedida quantidade de diferentes descrições de Marks e o carácter contraditório dessas descrições:

I think of all the things that have been written about me – that I am an inhuman female demon, that I am an innocent victim of a blackguard

²⁷ Rigney e Erll, "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics", p. 4.

²⁸ *Ibidem*, p. 5.

²⁹ Susanna Moodie, *Life in the Clearings versus the Bush* (Toronto, ON: McClelland & Stewart, 1854), p. 96, <http://www.gutenberg.org/files/8132/8132-h/8132-h.htm>.

forced against my will and in danger of my own life, that I was too ignorant to know how to act and that to hang me would be judicial murder, that I am fond of animals, that I am very handsome with a brilliant complexion, that I have blue eyes, that I have green eyes, that I have auburn and also brown hair, that I am tall and also not above the average height, that I am well and decently dressed, that I robbed a dead woman to appear so, that I am brisk and smart about my work, that I am of a sullen disposition with a quarrelsome temper, that I have the appearance of a person rather above my humble station, that I am a good girl with a pliable nature and no harm is told of me, that I am cunning and devious, that I am soft in the head and little better than an idiot. And I wonder, how can I be all of these different things all at once?³⁰

Moodie declarou depois que Kenneth MacKenzie, advogado de Marks, afirmara que os olhos de Montgomery assombravam Marks. Tais olhos perseguiriam permanentemente Marks, surgindo subitamente em sítios inesperados. Atente-se, a este propósito, na passagem abaixo apresentada, onde Moodie tentou transcrever as palavras que Marks teria, alegadamente, proferido nas conversas com MacKenzie:

Since I helped Macdermot to strangle Hannah Montgomery, her terrible face and those horrible bloodshot eyes have never left me for a moment. They glare upon me by night and day, and when I close my eyes in despair, I see them looking into my soul—it is impossible to shut them out. If I am at work, in a few minutes that dreadful head is in my lap. If I look up to get rid of it, I see it in the far corner of the room. At dinner, it is in my plate, or grinning between the persons who sit opposite to me at table. Every object that meets my sight takes the same dreadful form; and at night - at night - in the silence and loneliness of my cell, those blazing eyes make my prison as light as day. No, not as day, they have a terribly hot glare, that has not the appearance of anything in this world. And when I sleep, that face just hovers above my own, its eyes just opposite to mine; so that when I awake with a shriek of agony, I find them there.³¹

Atwood remediou a passagem através do recurso a Simon Jordan, psiquiatra contratado para redigir um relatório sobre Marks que conduzisse ao seu perdão. A dita remediação ocorre em duas ocasiões distintas, primeiro numa conversa do psiquiatra com Verringer e depois durante uma das entrevistas do psiquiatra à doente encarcerada.

³⁰ Atwood, *Alias Grace*, p. 25.

³¹ Moodie, *Life in the Clearings versus the Bush*, p. 96.

Voltando-se para o reverendo Verringer, Jordan revelou ter lido o relato redigido por Moodie e declarou que, de acordo com a autora, MacKenzie descobrira que Marks se deparava incessantemente com os olhos infernais de Montgomery. Considere-se o excerto citado: "Kenneth MacKenzie (...) was told by Grace that Nancy Montgomery was haunting her – that her two bloodshot and blazing eyes were following her around, and appearing in such locations as her lap and her soup plate".³² Jordan confessou depois ter constatado a presença de discrepâncias nas palavras proferidas por Moodie. Pondere-se a esse respeito na seguinte passagem: "Mrs. Moodie (...) is inaccurate on the subject of names and dates, she calls several of the actors in this tragedy by names that are not their own, and she has conferred a military rank on Mr. Kinnear that he appears not to have merited".³³

Posteriormente, enquanto entrevistava Marks, Jordan perguntou à prisioneira o seguinte: "Did you tell Kenneth MacKenzie that you could see the eyes of Nancy Montgomery following you around?".³⁴ Nas palavras que o psiquiatra e a doente trocaram, Marks reconheceu que não se referia a olhos, mas sim a peônias. Observe-se o próximo passo:

I did not say eyes, Sir; I said peonies. But Mr. MacKenzie was always more fond of listening to his own voice than to someone else's. And I suppose it's more the usual thing, to have eyes following you around. It is more what is required, under the circumstances, if you follow me, Sir. And I guess that was why Mr. MacKenzie misheard it, and why Mrs. Moodie wrote it down. They wanted to have things done properly. But they were peonies, all the same. Red ones. There is no mistake possible.³⁵

Nos dois casos, o depoimento de Moodie é desacreditado, o que denota a disposição de Atwood para com Moodie. Recorde-se que, em *The Servant Girl*, Atwood reproduziu fielmente o relato de Moodie, distanciando-se depois dele em *Grace* e contestando-o completamente em *Alias Grace*.

A dupla lógica da remediação demonstra-se operacional na remediação da memória cultural de Marks. Como se tentará comprovar, a imediação e a

³² Atwood, *Alias Grace*, p. 220.

³³ *Ibidem*, p. 221.

³⁴ *Ibidem*, p. 417.

³⁵ *Ibidem*, pp. 417-418.

hipermediação atingem-se através da aplicação de uma narradora autodiegética. Nesta posição de narradora, Marks ora favorece a focalização interna, produzindo a ilusão de que o leitor presencia memórias em primeira mão, ora autoriza o leitor a aceder aos seus monólogos interiores e aclara que todas as memórias a que alude passam por um processo de mediação propositado. A hipermediação alcança-se, ainda, através da justaposição de epígrafes.

Alias Grace atribui a Marks os atributos de narradora autodiegética, "entidade responsável por uma situação ou atitude narrativa (...) em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história".³⁶ Então, Marks relata retrospectivamente os eventos experienciados. Adoptando o papel de narradora autodiegética, a prisioneira favorece a focalização interna. Marks reconstitui a experiência relatada, reconstituindo os ritmos e as atitudes cognitivas que a regeram, e evita revelar os eventos posteriores ao tempo da experiência relatada. A focalização interna pressupõe uma focalização externa, pois Marks pode somente especular a partir do exterior das mentes das personagens, pelo que aquilo que se conhece das personagens advém do que Marks consegue apreender.³⁷ O excerto que se encontra abaixo esclarece o emprego da focalização interna: "When I saw the doctor coming up the drive in his one-horse gig, I felt my heart beat painfully, and I thought I was about to faint; but I did not do so, as I was downstairs by myself and would have to answer for anything that might be needed".³⁸ Assim se produz a ilusão de que o leitor presencia memórias em primeira mão.

Nesta posição de narradora autodiegética, Marks surge situada tanto num tempo simultâneo como num tempo ulterior ao tempo da história. Enquanto Jordan a entrevista, Marks encontra-se num tempo ulterior ao tempo da história, a qual se trata de um conjunto de eventos concluídos, embora não totalmente conhecidos. Então, estabelece-se uma distância essencial entre o passado da história e o presente da narração, dado que a Marks que relata não se demonstra a Marks relatada. Sempre que Marks não se encontra sob o escrutínio de Jordan, surge uma sobreposição temporal entre a narradora e a protagonista. Assim, o leitor invade os

³⁶ Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia* (Coimbra: Livraria Almedina, 1996), p. 259.

³⁷ *Idem*, pp. 259-262.

³⁸ Atwood, *Alias Grace*, p. 315.

monólogos interiores da narradora, onde a Marks, que enuncia, coincide com a Marks enunciada. A mediação é multiplicada nos monólogos interiores indicados, pois Marks revela mediar as memórias que relata. Atente-se na passagem abaixo:

Dr. Jordan has gone off to Toronto. I don't know how long he will be gone; I hope it's not very long, as I have become quite used to him somehow, and fear that when he goes away, as he is bound to do sooner or later, there will be a sad emptiness in my heart. What should I tell him, when he comes back? He will want to know about the arrest, and the trial, and what was said. Some of it is all jumbled in my mind, but I could pick out this or that for him, some bits of whole cloth you might say, as when you go through the rag bag looking for something that will do, to supply a touch of colour.³⁹

Através deste acesso aos monólogos interiores da narradora se assegura a hipermediação. Acresce que a hipermediação é ainda atingida através da justaposição de epígrafes alógrafas na abertura de cada capítulo. Tais epígrafes tratam-se de textos ou de fragmentos de textos tirados de poemas, artigos de jornais ou revistas, as confissões de Marks e de McDermott, o volume autobiográfico de Moodie, entre outros. Estas epígrafes exercem uma função essencialmente temática, apresentando os temas que se abordarão em cada capítulo. Então, as epígrafes alógrafas esboçam pistas que a audiência poderá achar esclarecedoras assim que prosseguir com a leitura.⁴⁰

Convirá, ainda, apontar que apenas a hipermediação atingida através das epígrafes alógrafas se associa à hipermediação a que Erll e Rigney aludiram. Recorde-se que as autoras mencionaram que a hipermediação se atinge através da multiplicação dos *media*. Ainda que a hipermediação atingida através dos atributos da narradora autodiegética não multiplique os *media*, multiplica os vestígios de mediação. Bolter e Grusin indicaram que a hipermediação se manifesta como multiplicidade, pois multiplica os signos de mediação: "(t)he logic of hypermediacy multiplies the signs of mediation".⁴¹ Os autores indicaram, ainda, que a hipermediação se atinge quando a ilusão da representação realista é quebrada. De

³⁹ *Ibidem*, 410.

⁴⁰ Reis e Lopes, *Dicionário de Narratologia*, pp. 124-125.

⁴¹ Bolter e Grusin, p. 34.

acordo com os autores, "perspective paintings or computer graphics are often hypermediated, particularly when they offer fantastic scenes that the viewer is not expected to accept as real or even possible".⁴² Poder-se-á, então, pensar que algo análogo se passa em *Alias Grace*. Alcança-se a hipermediação através de uma narradora autodiegética pois Marks interrompe a ilusão das memórias em primeira mão nos monólogos interiores, onde reconhece mediar as memórias que relata.

4. Conclusão

O artigo aqui apresentado ambicionou comprovar que Atwood remedia a memória cultural de Marks em *Alias Grace*, formando, mantendo e mudando um lugar da memória. O desenvolvimento e decorrente manutenção de Marks como um lugar da memória resultam das diversas remediações daquela. Este lugar da memória é engendrado, estabilizado e estabelecido por essas remediações. A "memory-matter" referida por Erll e Rigney é retirada de artigos de jornais e revistas, testemunhos, confissões, documentos legais, diários, ilustrações, entre outros, e reutilizada no romance. Assim, *Alias Grace* agrega, absorve, aprecia e altera todos os textos acima apontados.

Como se começou por constatar, o romance de Atwood revela a intenção de contestar a invisibilidade do homem branco no multiculturalismo canadiano. O romance acaba por "racializar" esse homem branco num período em que aquele se encontrava em formação ou em que aquele se dirigia para a invisibilidade, e nesse branco posicionam-se políticas de inclusão e de exclusão, hierarquias internas e privilégios. *Alias Grace* serve-se do sofrimento de uma mulher irlandesa para interrogar uma nação "imagined as naturally white, male, Christian, middle and upper class, English-speaking, British, and more recently, Northern European in cultural heritage".⁴³ Ao concluir este artigo, convirá também constatar que o romance de Atwood se revela uma remediação relevante porque se relaciona com tal contestação.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ J. Lee e L. Cardinal, "Hegemonic Nationalism and the Politics of Feminism and Multiculturalism in Canada", *Painting the Maple: Essays on Race, Gender, and the Construction of Canada*, editado por V. Strong-Boag, S. Grace. A. Eisenberg e J. Anderson (Vancouver, BC: University of British Columbia, 1998), p. 223.

O romance foi recentemente remediado pela mini-série *Alias Grace* (2017). Pensada por Sarah Polley, decorrente do romance de Atwood, realizada por Mary Harron e com a presença de Sarah Gadon, a mini-série volta a remediar a memória cultural de Marks para se pronunciar sobre eventos recentes como a recepção canadiana dos mais de 560 refugiados provenientes do Sri Lanca. Chegados ao Canadá entre 2009 e 2010 nos navios *Ocean Lady* e *Sun Sea*, foram encarcerados e deportados. Polley referiu à revista *Now* que se recorda de que as imagens dos refugiados a influenciaram imensamente e de que manifestou horror relativamente ao modo como o Canadá respondeu aos refugiados: "'I remember being very affected by those images', says Polley. 'And really horrified by the coldness and the iciness with which Canada was responding to these people'".⁴⁴ Polley rapidamente relacionou as viagens vividas pelos refugiados, vindos do Sri Lanca, com a viagem vivida por Marks, vinda da Irlanda. Perante o paralelo estabelecido, Polley considerou crucial conferir um espaço considerável à embarcação na qual Marks empreendeu a sua viagem até chegar ao Canadá: "(s)he (Polley) fought for the boat scene in order to make the parallel visceral to Canadians whose grandparents or great-grandparents arrived under similar circumstances".⁴⁵ Polley afirmou, até, que os antepassados dos canadianos chegavam "under duress", "fleeing", "starving" e "in abject squalor", analogamente aos referidos refugiados.⁴⁶ A contestação de Atwood permitiu a Polley comentar criticamente a recepção canadiana dos refugiados chegados do Sri Lanca. Como tal, o romance revela-se uma remediação relevante para a actual arena pública.

Bibliografia

Atwood, Margaret. *The Journals of Susanna Moodie*. Oxford: Oxford University Press, 1970.

---. *The Servant Girl*. Canada: CBC Television Series, 1974.

⁴⁴ Radheyam Simonpillai, "The Wonder Women behind *Alias Grace's* TV Adaptation", *Now*, 6 de Setembro, 2017, <https://nowtoronto.com/movies/tiff2017/alias-grace-tv-adaptation-premieres-cbc/>.

⁴⁵ Simonpillai, "The Wonder Women behind *Alias Grace's* TV Adaptation".

⁴⁶ *Ibidem*.

- . *Grace: A Play in Two Acts*. Canada: O. W. Toad, 1979.
- . *Alias Grace*. London: Virago Press, 2009. [¹1996]
- Bannerji, Himani. *The Dark Side of the Nation: Essays on Multiculturalism, Nationalism and Gender*. Toronto e Ontário: Canadian Scholars' Press Inc, 2000.
- Boehm-Schnitker, Nadine, e Susanne Gruss, eds. *Neo-Victorian Literature and Culture: Immersions and Revisitations*. London e New York: Routledge, 2014.
- Bolter, Jay David, e Richard Grusin. *Remediation: Understanding New Media*. Cambridge: MIT Press, 1999.
- Dyer, Richard. *White: Essays on Race and Culture*. London e New York: Routledge, 1997.
- Erll, Astrid. "Cultural Memory Studies: An Introduction". *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*, editado por Astrid Erll e Ansgar Nünning, pp. 1-15. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2008.
- . "Literature, Film, and the Mediality of Cultural Memory". *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*, editado por Astrid Erll e Ansgar Nünning, pp. 389-398. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2008.
- Ho, Elizabeth. "Neo-Victorianism South of Nowhere: Margaret Atwood's *Alias Grace*". *Neo-Victorianism and the Memory of Empire*, pp. 81-111. London, New Delhi, New York e Sydney: Bloomsbury, 2012.
- Kohlke, Marie-Luise. "Introduction: Speculations in and on the Neo-Victorian Encounter". *Neo-Victorian Studies* 1, no. 1 (2008), pp. 1-18.
http://www.neovictorianstudies.com/past_issues/Autumn2008/NVS%201-1%20M-Kohlke.pdf.
- Lee, J., e L. Cardinal. "Hegemonic Nationalism and the Politics of Feminism and Multiculturalism in Canada". *Painting the Maple: Essays on Race, Gender, and the Construction of Canada*, editado por V. Strong-Boag, S. Grace. A. Eisenberg e J. Anderson, pp. 215-261. Vancouver, BC: University of British Columbia, 1998.
- Moodie, Susanna. *Roughing It In the Bush*. London: Richard Bentley, 1852.

- . *Life in the Clearings versus the Bush*. Toronto, ON: McClelland & Stewart, 1854.
<http://www.gutenberg.org/files/8132/8132-h/8132-h.htm>.
- Nora, Pierre. "Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire".
Representations 26 (1989), pp. 7-24.
https://www.jstor.org/stable/2928520?seq=1#page_scan_tab_contents.
- Reis, Carlos, e Ana Cristina M. Lopes. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina, 1996.
- Rigney, Ann, e Astrid Erll. "Introduction: Cultural Memory and its Dynamics". Em *Mediation, Remediation, and the Dynamics of Cultural Memory*, editado por Ann Rigney e Astrid Erll, pp. 1-11. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2009.
- Simonpillai, Radheyana. "The Wonder Women behind *Alias Grace*'s TV Adaptation". *Now*, 6 de Setembro, 2017. <https://nowtoronto.com/movies/tiff2017/alias-grace-tv-adaptation-premieres-cbc/>.

RESUMO

Este artigo procura provar que Margaret Atwood remedia a memória cultural de Grace Marks em *Alias Grace*, produzindo, preservando e renovando um lugar da memória. Recorde-se que, em 1843, Thomas Kinnear, empregador de Marks e de James McDermott, e Nancy Montgomery, empregada e amante de Kinnear, foram encontrados assassinados em *Upper Canada*. Os imigrantes irlandeses Marks, com dezasseis anos, e McDermott, com vinte anos, retiraram-se prontamente da propriedade de Kinnear com um repositório das posses de Kinnear e de Montgomery. O aprisionamento dos fugitivos aconteceu passado pouco tempo, em Lewiston, Nova Iorque. McDermott, acusado de assassinato, e Marks, acusada de cumplicidade, foram condenados à morte no caso de Kinnear, pelo que se considerou redundante continuar com o caso de Montgomery. McDermott foi enforcado e Marks foi condenada a prisão perpétua, provavelmente devido à sua idade. Marks passou vinte e nove anos na prisão, incluindo um interregno num asilo em 1854 que se alargou por quinze meses. A suposta assassina foi perdoada em 1872. Marks captivou Atwood desde cedo, conduzindo-a a escrever *Alias Grace* em 1996. Procurando reportar-se à remediação da memória cultural de Marks, o

presente artigo é composto por quatro partes consideradas centrais. Finalizada a introdução, na qual se trata da primeira parte do texto, considerar-se-ão os conceitos de memória cultural e de remediação com a colaboração dos trabalhos de Astrid Erll e Ann Rigney. Pensar-se-á posteriormente a respeito da remediação da memória cultural de Marks no romance produzido por Atwood. Finalmente, apresentar-se-ão algumas reflexões relativas à relevância da remediação analisada.

Palavras-Chave

Memória Cultural, Remediação, Grace Marks, Margaret Atwood, *Alias Grace*.

ABSTRACT

The present article attempts to prove that Margaret Atwood remediates the cultural memory of Grace Marks, thus producing, preserving and renewing a site of memory. In 1843, Thomas Kinnear, the employer of Marks and of James McDermott, and Nancy Montgomery, the housekeeper and lover of Kinnear, were found murdered in Upper Canada. The Irish immigrants Marks, sixteen years old, and McDermott, twenty years old, quickly quit Kinnear's estate with Kinnear's and Montgomery's personal possessions. The fugitives were later located and imprisoned in Lewiston, New York. McDermot was charged with murder and Marks was accused of aiding McDermott. Because of the crimes committed, both of the accused were sentenced to death. While McDermott was hanged, Marks was later sentenced to life imprisonment, probably because of her tender age. Marks spent twenty-nine years in prison, which includes the short period she spent at an asylum in 1854 and which lasted for fifteen months. In 1872, Marks was pardoned. Atwood became bewitched by Marks, which led her to write *Alias Grace* in 1996. Attempting to address the remediation of the cultural memory of Marks, the present paper is divided into four parts. Following the introduction, which is the first part of the text, the concepts of cultural memory and of remediation will be approached with the aid of the works written by Astrid Erll and Ann Rigney. The remediation of the cultural memory of Marks will then be considered. Finally, some concluding remarks connected to the relevance of the remediation previously referred to will be presented.

KEY-WORDS

Cultural Memory, Remediation, Grace Marks, Margaret Atwood, *Alias Grace*.